

A tatuagem na prisão: Considerações acerca da identidade e do estigma

*Karine Belmont Chaves¹
Regina Coeli Machado e Silva²*

RESUMO:

Trabalhando no sistema penitenciário, observa-se que é recorrente o uso das tatuagens. As questões subjetivas permeavam meu imaginário: o que significa pra ele? por que fez? quando fez? escolheu? Ouvindo os relatos das pessoas presas, bem como de funcionários que atuam no âmbito da Justiça e Segurança pública, comecei a me deparar com as questões de estigma, muitas decorrentes das organizações criminosas. Também é possível observar que, de um modo geral, as pessoas se tatuam mais, sugerindo que o uso e as técnicas da tatuagem se propagaram, mesmo fora das prisões. Do seu aspecto histórico marginalizante, ela incorporou outros significados e representações sociais.

Palavras-chave: Tatuagem, prisão, identidade, estigma, cultura.

Área: Ciências Sociais

¹ Karine Belmont Chaves é aluna do Mestrado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu – Sociedade, Cultura e Fronteiras, Nível – Mestrado / Área de Concentração: Sociedade, Cultura e Fronteiras. Psicóloga, funcionária pública estadual SEJU/PR – DEPEND, é professora de Psicologia Jurídica na UNIFOZ e também ministra aulas de Psicologia Judiciária na Escola da Magistratura em Foz do Iguaçu. karinebelmont@hotmail.com

² Regina Coeli Machado e Silva é docente e orientadora do Programa de Mestrado Interdisciplinar Sociedade, Cultura e Fronteiras da UNIOESTE. Doutora em Antropologia Social (Museu Nacional/UFRJ), professora associada da UNIOESTE, atuando em cursos de graduação e pós-graduação. É pesquisadora do CNPq e desenvolve atividades no campo da antropologia das sociedades modernas, da arte e da educação.

INTRODUÇÃO

Muitas pessoas presas, se tatuam, são ou foram tatuadas, dentro das prisões (cadeias, delegacias, penitenciárias, centro de detenções, etc.). Muitas destas pessoas escolheram ser tatuadas, mas algumas não. Ouvi relatos de pessoas presas que foram tatuadas por outros, coagidas ou mesmo obrigadas, e assim, carregavam símbolos de exclusão. Apresentam-se aí questões de identidade e estigma. Questões que demarcam sua representação individual e coletiva. Revela-se então de que as tatuagens, não apresentam apenas caráter estigmatizante, como nos conta a história, mas para alguns, também são escolhas, fator de identidade.

Este é o tema abordado na pesquisa em curso do Mestrado da UNIOESTE, no Programa Interdisciplinar Sociedade, Cultura e Fronteiras, que tem como objetivo investigar essas representações da tatuagem na prisão, bem como para aquele que se encontra preso. Além da análise de arquivos internos, também realizamos entrevistas semiestruturadas com alguns presos na Penitenciária Estadual de Foz do Iguaçu. No presente artigo, vamos caminhar para compreensão de aspectos relacionados à identidade e também buscaremos a compreensão do estigma.

1. PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR

Percorrendo a história da civilização, verificamos como os homens foram construindo e deixando registros de sua existência. Desde a Idade Antiga verificamos que os homens foram se organizando na busca de conhecimentos, descrevendo suas observações e criando teorias e metodologias para melhor apreensão e compreensão dos fenômenos. As ciências exatas e naturais, assim como as ciências médicas ou biológicas, foram delimitando seus focos e objetos de estudo acerca da natureza e da vida. Assim também as ciências humanas e sociais foram surgindo, decorrentes da necessidade de compreender o homem, considerando outros aspectos de sua vida e da sua relação com o meio social.

Sabemos que as ciências foram fazendo recortes, delimitando assim seu campo de atuação e compreensão, e outras foram surgindo para preencher lacunas, diante de questões que careciam de solução e/ou explicação. Disciplinas foram sendo construídas, agregando suas contribuições, mas apenas no século XX é que a interdisciplinaridade passou a ser considerada como possibilidade de estudo e intervenção, adotando então uma ampla visão de homem: biopsicossocial, não determinado por qualquer fator elencado como único e absoluto, mas que compreende a natureza humana como multifatorial.

A interdisciplinaridade, pelas palavras da filósofa portuguesa Olga Pombo, é "um fenômeno característico da nossa

ciência contemporânea” (2008, p.15):

No fundo, estamos a passar de um esquema arborescente, em que havia uma raiz, um tronco cartesiano que se elevava, majestoso, acima de nós, que se dividia em ramos e pequenos galhos dos quais saíam vários e suculentos frutos, todos ligados por uma espécie de harmonia e fecunda hierarquia e a avançar para um modelo em rede, em complexíssima constelação, em que deixa de haver hierarquias, ligações privilegiadas [...].

A Antropologia, a Sociologia e a Psicologia têm se mostrado capazes de dialogar, contribuindo e ampliando a compreensão dos homens e seus diferentes grupos sociais, no que se refere à temática da tatuagem.

2. CONTEXTO PRISIONAL

Aqueles que cometem crimes, em muitas sociedades são condenados à pena de prisão. Afastados do convívio social, privados de sua liberdade, vivendo em instituições de vigilância, estes são, de certo modo, excluídos (mesmo que por determinado tempo). A famosa obra de Foucault “Vigiar e Punir”, discorre sobre os recursos de punição utilizados ao longo da história, bem como os regimentos penais empregados pelas sociedades, passando pelo suplício, com sofrimento explícito do corpo, e hoje se considera que as penas, que antes atingiam os corpos físicos, na atualidade, de forma geral, suprimem direitos. Podem ser consideradas como estratégias sociais de poder sobre as pessoas.

Aquele que se encontra preso, por algum tempo é habitante do cenário chamado por Goffman de “instituição total”. Manicômios, prisões e conventos, eram algumas das instituições totais definidas por ele como “um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, leva uma vida fechada e formalmente administrada” (GOFFMAN, 2008, p.11). O autor apresenta em sua obra as interações sociais que ocorrem dentro destes cenários.

Nestes espaços controlados, cheios de regras, as pessoas têm contatos, acessos e materiais limitados, o que leva muitas vezes à despersonalização, tendo em vista a retirada de elementos significativos da vida dessas pessoas. Também ocorre com frequência na prisão, um desses espaços com inúmeras restrições, o que se chama de “prisionização”, um processo de deterioração em decorrência da perda e/ou distanciamento de aspectos identitários que lhes agregavam especial significado, incorporando-se, em contrapeso, a cultura da prisão.

Nas instituições totais, como a prisão, ocorre o que Goffman chama de "ajustamentos secundários", sendo "práticas que não desafiam diretamente a equipe dirigente, mas que permitem que os internados consigam satisfações proibidas ou obtenham, por meios proibidos, as satisfações permitidas." E estas estratégias, por sua vez, conferem aos internados, diante de toda uma sistemática de controle que muitas vezes leva à mortificação do indivíduo, a sensação de que ainda é "um homem autônomo". E assim se observam as mais variadas estratégias de resistência e sobrevivência. Verifica-se que, mesmo diante de regras, mecanismos de controle de comportamento e técnicas disciplinares, mesmo tendo sido submetidas ao processo de eleição pelo valor social vigente, estas pessoas se sentem, de algum modo, violentadas, mas encontram alternativas de sobrevivência.

A força criativa e a luta pela sobrevivência fazem com que as pessoas nessas instituições manipulem objetos e criem estratégias para conseguir algo diferenciado. Em muitos espaços destinados à prisão, como delegacias, cadeias públicas e penitenciárias, os presos conseguiam (e em muitos lugares ainda conseguem) manipular alguns objetos, inadequados, criando formas caseiras de confecção das tatuagens. São capazes até de confeccionar uma máquina para tatuar, com materiais como caneta, arame e aparelho de rádio. E, com a tatuagem, encontram uma forma de expressão e criam marcas de identificação.

3. TATUAGEM COMO MARCA CORPORAL

Costa (2003) afirma que "tatuar não é somente pintar-se, é também escarificar: furar a derme introduzindo pigmentos, compondo uma marca definitiva. Essa marca tem uma dupla função: tanto de coletivizar como de singularizar." O que nos remete, então, ao entendimento de que não há somente um significado e busca individual, mas também uma representação coletiva, uma identidade social, buscada ou materializada.

O repertório de traços que suportam o olhar de nosso corpo é bastante variado e se modifica conforme cultura. É fundamental dizer que esse olhar, para ser efetivo, não pode ser somente exterior. Ele precisa compor uma espécie de coluna vertebral que mantém todo o equilíbrio do corpo, sustentando seu lugar e deslocamentos. Nesse sentido, ele necessita ultrapassar a derme e, de alguma maneira, confundir-se com suas fronteiras. É assim que ele se torna, ao mesmo tempo, interior e exterior. Ele não vem somente de fora, mas é aquele que nos produz a experiência de sermos olhados como um objeto diferenciado de outros, arrancados da plenitude da imagem. Isso que se arranca de

lá onde estávamos entre outros, produz, ao mesmo tempo, dor e prazer. O vazio do lugar de nosso ser-objeto insiste em se traçar de nossa pele, para que dele possamos constituir memórias, identidades, taxonomias, narrativas de fatos, ou mesmo geografias (COSTA, 2003, p. 9-10).

A Penitenciária Estadual de Foz do Iguaçu é uma unidade prisional administrada pelo DEPEN –PR, com capacidade para 496 presos, do sexo masculino, que cumprem pena em regime fechado. Em abril de 2011, levantamos dados coletados nos prontuários internos dos presos, e verificamos que, dos 476 presos que cumpriam pena naquela unidade penal na data indicada, 304 deles possuíam ao menos uma tatuagem, e 172 não tinham qualquer tatuagem. Esse dado nos mostra a incidência de tatuagens nas pessoas consideradas “criminosas”, indicando que 63% dos presos desta unidade penal têm tatuagem.

Muitas pessoas que foram presas fizeram tatuagens no ambiente prisional, principalmente em cadeias públicas, e seus recursos, limitados, resultaram, portanto, numa tatuagem de má qualidade, ainda com risco iminente de contaminações de doenças, e de deformações na pele, decorrentes dos produtos utilizados e procedimentos inadequados para a marcação da pele. Mas estas tatuagens, em sua maioria, carregam significações do meio criminal.

Elegem símbolos que traduzam algo de si, e se marcam. Muitos ainda adotam símbolos que revelam o crime pelo qual foram presos, ou a prática criminal adotada por eles. Em alguns grupos, é possível encontrar tatuagens de caveira, que pode simbolizar o matador, ou a figura do palhaço, para representar o assaltante, aquele que cometeu o crime de assalto. Muitas vezes, até ostentando certo orgulho de sua marca. Não raro, elegem símbolos de representação para determinado grupo, e assim, seus membros são identificados, com sentido de pertencimento. Alguns grupos elegem símbolos como emblemas, estabelecendo assim diferenciais de outros e pertença de determinada organização criminosa. “Comecei a se envolve, tinha uns caras, e a gente tava ganhando dinheiro, e um falo: vamo faze um império, vamo mete uma caveira no braço também “junto a gente é forte”. (F)

Este é um depoimento de um preso, coletado durante as entrevistas nesta unidade penal, que fazia parte de um grupo que cometia crimes pra ganhar dinheiro, e cerca de 7 amigos do grupo fizeram a mesma tatuagem.

Lombroso (2007), referência da era positivista, descreve em seus relatos, quando fala sobre tatuagens, por exemplo, que símbolos de guerra eram mais frequentes em militares. Investigou ainda símbolos profissionais, religiosos, entre outros, e encontrou um dado curioso nas tatuagens dos “delinquentes”, de cunho particular, criminal. Muitas vezes revelavam o “ânimo violento, vingativo, ou traço de despudorados propósitos”. Alguns, citados pelo autor, com

tatuagens no peito, desenhados dois punhais, onde estava escrito: "juízo vingador-me", ou, ainda no peito, as palavras: "miserável eu, como deverei acabar?" ou "nascido sob má estrela", "sem esperança", ou ainda sob o desenho de um punhal: "morte aos burgueses".

Em seu trabalho, Guimarães (2005) cita um estado onde os presos utilizavam os códigos dos crimes pelos quais foram condenados como "uma espécie de marca – escreviam-na nas paredes das celas, no próprio corpo...", o que sabemos acontecer em todo o Brasil, ao longo de muitas décadas. O autor faz uma análise da tatuagem como estratégia de resistência em que o corpo marcado serve para assinalar a criação de um território, e segundo o autor, "a estratégia de resistência estava penetrada de ressentimento". As reflexões apresentadas por este psicólogo levam a pensar sobre a ação de "selar definitivamente um destino de infrator do código penal", ao invés de "colar" outros adereços ao corpo e construir novos projetos de vida, por exemplo, o que se mostra obstáculo à pretendida "ressocialização" dos apenados. Reflexões para um outro momento.

4. UM OLHAR DE SI E O OLHAR DO OUTRO: IDENTIDADE E ESTIGMA.

Segundo Berger (1985, p. 228):

A identidade é evidentemente um elemento chave da realidade subjetiva, e tal como toda realidade subjetiva, acha-se em relação dialética com a sociedade. A identidade é formada por processos sociais. Uma vez cristalizada, é mantida, modificada ou mesmo remodelada pelas relações sociais. Os processos sociais implicados na formação e conservação da identidade são determinados pela estrutura social. Inversamente, as identidades produzidas pela interação do organismo, da consciência individual e da estrutura social reagem sobre a estrutura social dada, mantendo-a, modificando-a ou mesmo remodelando-a. As sociedades têm histórias no curso das quais emergem particulares identidades. Estas histórias, porém, são feitas por homens com identidades específicas.

A tatuagem, neste cenário, mostra aspectos individuais e coletivos. Ainda Costa (2003, p. 56), em sua obra de corrente psicanalítica completa:

É na identificação que vamos encontrar a condição necessária de dar corpo às palavras. Neste processo, constitui-se um limite no qual não conseguimos tomar a palavra sem que, de alguma forma, a palavra nos tome. Falar em nome próprio é

também emprestar o corpo a um código, que, dessa forma, deixa de ser arbitrário. O nome traz, inevitavelmente, as marcas-pegadas, traços, imagens de sua construção. Neste sentido, é impossível esvaziá-lo completamente de sua corporeidade. Ele nos acossa como se fosse uma palavra que pede rosto.

Essas tatuagens encontradas nas pessoas presas permitiram (e ainda permitem) que a sociedade os identificasse mais facilmente pelas suas marcas corporais. Muitos policiais, por exemplo, continuam utilizando manuais informais que remetem à tatuagem utilizada por criminosos, e assim, localizam foragidos e suspeitos. Muitas pessoas, que estiveram presas e são tatuadas, quando posteriormente retornam ao convívio social, sentem o que chamam de “preconceito da sociedade”.

Aqui nos deparamos com a questão do estigma, traduzido por Goffman (1988) como termo usado em referência a um atributo depreciativo. Logo no início de sua obra sobre o tema, o autor apresenta três tipos de estigma frequentemente encontrados: abominações do corpo, deformidades físicas; culpas de caráter individual (vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças rígidas, desonestidade e outras como distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de homicídio e comportamento político radical), e - tribais de raça, nação e religião, nações e religiões.

Teixeira Filho (2005), em obra de estudo sobre a questão do estigma, apresenta dados de sua origem:

A palavra estigma origina-se das cinco marcas deixadas no corpo de Cristo pela Crucificação. Essas marcas teriam sido também impressas no corpo de São Francisco de Assis e outros religiosos do século XVIII. A essas marcas chamam de estigmata (HOAD, FOWLER; FOWLER, 1995).

Estigmata também foi nome de filme produzido sobre a temática. Acrescente-se ainda que:

Além desta ligação com a estigmata, a palavra estigma é anteriormente atribuída às marcas corporais infligidas pela vontade da pessoa ou de outros, e não trazida de nascença. Daí a relação do estigma com a tatuagem, a escarificação ou qualquer outra forma de marcar e/ou alterar o corpo via sua estigmatização (HAMBLY, TEIXEIRA FILHO, 2005 p. 35).

Deste fato decorre, portanto, a associação do estigma com a tatuagem, ambos significando a questão da marca e do marcar, ou ainda do ser marcado. Ao longo de seu trabalho, o autor refere que muitos dos estigmas, no campo da construção subjetiva, são

decorrentes do meio social, e da atribuição de valor e significado a essas marcas, por determinadas culturas, em diferentes momentos históricos.

Mesmo sabendo da eleição da figura do mal, da reprovação social e dos estigmas decorrentes, a pessoa envolvida com a criminalidade, que muitas vezes adota o crime como meio de sobrevivência ou meio de conseguir a materialização de seus desejos, muitas vezes não se retrai, não se esconde, e continua a confrontar a sociedade, e a desafiar sua moralidade. Ou simplesmente desconsideram essas questões, e adotam um "estilo de vida" paralelo, vivendo em grupos com valores diferentes do meio comum. E continuam a tatuar-se.

5. ATUALIZANDO A HISTÓRIA...

Embora tenhamos verificado que nem todos os presos têm tatuagem, a incidência ainda é significativa. E de qualquer modo, muitos escolhem essas marcas de diferenciação, mesmo sabendo do estigma a que se expõem. Utilizam a tatuagem como identificação na relação com o outro, muitas vezes para reafirmar sua condição, ou de fato obter algum "poder" de representação ou de resistência.

Assistimos hoje a uma propagação do uso das tatuagens e outras marcas corporais, ficando evidente o crescimento de sua incidência na sociedade em geral. O que estava presente em algumas "sociedades", agora parece estar presente na sociedade como um todo. O fato de ter uma tatuagem parece ter se tornado comum. E penso que está por ser minado seu uso como exclusão, pois muitas pessoas relatam sua decisão em tatuar-se.

Entretanto, seus usos podem ter se modificado. Agora, tem-se falado do uso do corpo como obra inacabada, que precisa de investimento, do uso do corpo como mercadoria, numa leitura pelo viés capitalista. Pode ser motivado por uma questão estética, mas ainda persiste o sentido de pertencimento de determinado grupo. Seja como for, a tatuagem serve como linguagem e expressa algo de sua identidade. Os símbolos tatuados, portanto, sugerem cuidados.

Fica ao menos o desejo de que esta esteja sendo feita como inscrição, marca positiva, não só na história do indivíduo, como na história da humanidade.

O lugar e o tempo do limite, da separação. Como a crise da legitimidade torna a relação com o mundo incerta, o ator procura, tateando suas marcas, empenhar-se por produzir um sentimento de identidade mais favorável. Hesita de certa forma com o encarceramento físico do qual é objeto. Dá atenção redobrada ao corpo lá onde ele se separa dos outros e do mundo. Já que o corpo é lugar do rompimento, da

diferenciação individual, supõe-se que possua a prerrogativa da possível reconciliação. Procura-se o segredo perdido do corpo. Torná-lo não um lugar da exclusão, mas o da inclusão, que não seja mais o que interrompe, distinguindo o indivíduo e separando-o dos outros, mas o conector que une aos outros. Pelo menos este é um dos imaginários mais férteis da modernidade (LE BRETON, 2009, p. 11).

REFERÊNCIAS

BERGER, Peter. LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 14. ed. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985. (Coleção Antropologia 5).

COSTA, Ana. **Tatuagem e marcas corporais atualizações do sagrado**. Casa do Psicólogo, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramalhete. 34. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.

GIMARÃES, Christian. F. **Subjetividade e estratégias de resistência à prisão**. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo-RS, 2005.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

LE BRETON, David. **A Sociologia do Corpo**. Tradução de Sonia M. S. Fuhrmann. 3 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.

LOMBROSO, Cesare. **O homem delinquente**. São Paulo: Ícone, 2007. Coleção Fundamentos de Direito.

POMBA, Olga. Epistemologia da Interdisciplinaridade. **Revista IDEIAÇÃO**. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Campus de Foz do Iguaçu. Centro de Educação e Letras. – Cascavel, PR, Edunioeste, n.1, (1998-) v. 10, 2008.

TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva. **Do estigma à exclusão: histórias de corpos (des) acreditados**. São Paulo: Casa do Psicólogo: FAPESP, 2005.